

### 3X4 DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

*Por Franklin Jorge*



Ilustração: Flaw Mendes

Drummond evitava, por uma questão de pudor, comer em público e não gostava de conversar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Tinha a distinção aristocrática dos intelectuais autênticos, podendo, por isso mesmo, sem afetação, ser reconhecido como um príncipe das letras. Tímido, falava pouco.

Conheci-o, ao crepúsculo, passeando nas imediações de sua casa à Rua Conselheiro Lafayette 67, no finalzinho de Copacabana, quase Jardim de Alah. Estava no auge de sua colaboração no *Jornal do Brasil*, onde escrevia uma crônica e nela inserira um personagem, João Brandão.

Muito conhecido no bairro, agradecia polidamente aos cumprimentos com uma leve inclinação da cabeça. Não gostava de efusões e revelou-me sua ojeriza aos bajuladores e aos puxa-sacos que não tendo outras virtudes procuram ser vistos na companhia de notáveis.

Ficou interessado quando lhe disse que era de Natal e ele informou que recebera uma carta de um jovem jornalista potiguar, muito perspicaz, politizado e questionador, chamado Paulo Augusto. Ora, era o Paulo Augusto Silva, amigo de Vicente Vitoriano, que por essa época eu conhecia apenas de nome e da leitura de uns textos minimalistas que me chamaram a atenção, havia alguns anos.

Salvo engano, Paulaugusto, como o chamávamos e ele às vezes grafava o próprio nome, interpelara o poeta através de João Brandão, o que o autor de “*A Máquina do Mundo*” achara muito inteligente. Esses potiguares são a encarnação da inteligência, disse, bem humorado.

O poeta, curioso, crivou-me de perguntas e quis saber se os jovens liam *Cascudo*. Quis saber se eu sabia que o jornal onde escrevia fora fundado por um meu conterrâneo de Macaíba, homem riquíssimo, historiador e político que chegara a senador da República e tivera muita influência no Rio de Janeiro no fim da monarquia e na incipiente República.

Passei a encontrá-lo, no mesmo logradouro, quando por ali passava a caminho do Arpoador para apreciar os extertores do sol, afogando-se no mar, onde já me aguardava um jovem português que eu conhecera na Associação Cristã de Moços, na Lapa, onde ambos fazíamos natação e participávamos de atividades culturais.

Sempre bem vestido e de sapatos reluzentes, passamos a conversar sobre apelidos, frases feitas e expressões regionais do Rio Grande do Norte, assuntos sobre os quais ele tinha sempre uma nova pergunta. Queria saber se os escritores locais tinham algum apelido e se o natalense, como o carioca, era dado a fazer piadas dos acontecimentos e a rir das adversidades.

Riu quando lhe contei que José Augusto, como outros políticos, cultivava o hábito de prometer sem o desejo de cumprir com a palavra empenhada e que certa vez, procurado pelo filho de um correligionário que estava noivo e muito aperreado por que não tinha emprego e portanto não podia marcar a data do casamento, o procurou para pedir um, no que foi prontamente atendido e encaminhado, com um bilhete do próprio punho do governador, que dava instruções para a sua contratação.

Era já no fim do expediente e o moço, sabendo que aquela hora não falaria mais com o secretário, foi para casa e lá, abrindo o envelope, leu o bilhete e percebe que faltavam o ponto nos “is”. Ele pensou que o governador, distraído, esquecer-se de colocá-los e ele mesmo, pegando de uma caneta, resolveu corrigir o que pensou ser um cochilo. No dia seguinte, foi o primeiro a chegar a repartição para falar com o secretário, entregou-lhe a carta e de lá saiu satisfeitíssimo, já empregado.

Foi direto agradecer ao governador, que ficou muito surpreso com o desfecho da história. Imediatamente, ao ficar só, ligou para o secretário para saber por que ele não cumprira a determinação de dispensar o suplicante com a desculpa de naquele momento não dispor de nenhuma vaga. Governador, cumpra suas determinações sim. Acontece que toda letra “i” escrita no bilhete, ao contrário de outros, está pontuada. Achei, portanto, que era para empregar o rapaz em vez de dispensá-lo...

Drummond se interessou por meus exercícios de artista plástico e adquiriu um pequeno quadro meu, uma personagem do nosso Boi de Reis, que achou gracioso e alegre. Prometi-lhe que, ao voltar para minha terra lhe mandaria uma lista de apelidos, o que fiz após uma implacável pesquisa, que ele no entanto não pôde aproveitar no ensaio que planejava escrever pois eu esquecera de colocar, juntamente com o apelido o nome civil do personagem em questão, conforme explicou numa carta.

Ah, Drummond, como homem fino que era -- embora facilmente irritável como dos poetas disse Horácio --, era muito gentil e não deixava carta sem resposta.